



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

A COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA ARTICULADA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR: um estudo sobre o uso da mídia televisiva no Ensino Fundamental

Maria Estely Rodrigues Teles, F.M.N

Francisco Afranio Rodrigues Teles, F.M.N

RESUMO:

Este trabalho recorte de pesquisa empreendida em nível de graduação em Pedagogia em 2013, visa apresentar os resultados dessa investigação que abordou duas professoras do 6º ano, de Língua Portuguesa, no Município de Parnaíba. A intenção foi analisar como as professoras lidam com a mídia televisiva no processo de ensino e de aprendizagem. Para chegar aos resultados trabalhamos com a pesquisa empírica de abordagem qualitativa, utilizando o questionário semiaberto, a entrevista semiestruturada e a observação. Entretanto, neste artigo, evidenciamos apenas os dados coletados na observação. Para isso, nos baseamos em Duarte (2008), Freire (1996), Valente (2007), Moran (1998), entre outros teóricos, evidenciando como a escola aproveita essa oportunidade para trabalhar a construção de alunos críticos face a televisão. Utilizar a mídia televisiva no contexto da prática pedagógica significa reorganizar o trabalho docente e promover um ensino articulado com o cotidiano do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica. Mídia televisiva. Cidadãos críticos.

INTRODUÇÃO

As Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC's) estão cada vez mais presentes em nossas vidas. No contexto escolar não é diferente. Em geral essas tecnologias chegam à escola através do seu uso na prática pedagógica dos professores ou de forma assistemática pelos alunos ou professores que as utilizam cotidianamente. Logo, de diversas formas e por diferentes sujeitos, os meios de comunicação e informação social adentram os espaços educativos, gerando muitos desafios aos professores. Em determinadas situações, muitas vezes o professor não sabe lidar com estas tecnologias no contexto da aprendizagem.

Para Valente (2007), o avanço nesta área trouxe muitas conquistas para a educação. Por outro lado tem distanciado os estudantes dos gêneros didáticos e da rotina das atividades escolares, pois essa nova linguagem formada pela integração das mídias



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

tem a capacidade de enviar mensagens instantâneas às pessoas. Muitas vezes elas chegam aos receptores prontas e de uma forma persuasiva, deixando praticamente o indivíduo na passividade, exigindo que o professor tenha e propicie uma formação sobre e no uso (TIC's).

Essas reflexões são frutos do trabalho de conclusão de curso, intitulado: **UM OLHAR CRÍTICO DIANTE DA TELEVISÃO**: estudo da prática do professor, que realizamos em 2013, no Curso de Pedagogia, da Faculdade Maurício de Nassau (FMN) – Parnaíba, buscando responder a questão: Como os professores em sua prática pedagógica lidam com a televisão no contexto de formação de cidadãos críticos?

Diante disso, faço um recorte desta pesquisa, em nível de graduação, destacando pontos relevantes da investigação empreendida neste trabalho, pois acreditamos que a escola é o espaço ideal para a formação crítica do seu coletivo, sobretudo, os alunos.

Entendemos que a criticidade leva o indivíduo a construir valores firmes para atuar ativamente face as TIC's, uma vez elas influenciam em muitos aspectos, de forma positiva ou não, a vida das pessoas, isso porque Freire (1996) afirma que a tecnologia é mediadora de formação, no entanto, o professor é o mediador do conhecimento no contexto escolar, cuja função é promover uma visão mais abrangente e reflexiva da vida, nesse contexto, do uso das tecnologias em nosso cotidiano.

Desta maneira, neste trabalho pretendemos discutir como os professores em sua prática pedagógica atuam como formadores de cidadãos críticos diante das ideias propostas pela televisão, nos baseando em teóricos como: Almeida (1988), Andrade (2007), Baccega, (1999), Coscarelli, (2006), Duarte (2008), Freire (1996), Moran (2000), Pacheco, (1998), Valente, (2007) e Vianna (2007).

Consideramos a discussão pertinente, baseado no que ressalta Valente (2007, p.175) quando diz que “quando o professor prepara uma aula, decide pela forma como as informações serão apresentadas e como determinado tema será organizado e encaminhado, [...], ou seja, o professor tem um imenso poder nas mãos pelo simples fato planejar sua aula.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Então, acreditamos que seja viável, através do planejamento, o professor associar os assuntos veiculados pela mídia áudio visual, especificamente, a televisão no contexto da sua prática em sala de aula. Isso porque, a mídia televisiva, meio de comunicação massificado, está presente 24 horas na casa da maioria dos indivíduos do planeta.

Reafirmamos, portanto, que a criticidade diante da força de comunicação e informação da televisão possibilita levar o aluno a construir valores a serem desempenhados no seu meio, uma vez que a televisão influencia em muito o nosso modo de viver, consciente e inconscientemente.

2 METODOLOGIA

Nesta secção apresentamos aspectos significativos da sistematização da pesquisa realizada, evidenciando a abordagem metodológica, o contexto empírico, instrumentos, técnicas e procedimentos utilizados, considerando os estudos de Andrade (2007) e outros pesquisadores.

Optamos pela pesquisa empírica com abordagem qualitativa, conforme defende Schnitman (2011), quando esclarece que a pesquisa qualitativa tem como ponto crucial a existência numa relação entre o real e a subjetividade do sujeito, sendo impossível traduzir tal reflexão em números.

Os dados coletados foram captados de forma direta, em uma pesquisa de campo, que Andrade (2007) entende como aquela que é referida ao ambiente em que é realizada, uma vez que os dados são coletados no local escolhido pelo pesquisador de forma espontânea.

Para isso fizemos a investigação na Escola Municipal CAIC, da cidade de Parnaíba. A escola foi selecionada entre muitas do Ensino Fundamental das séries finais e por se localizarem no mesmo bairro em que moramos. A escola funciona nos três turnos e atua no campo da Educação de Jovens e Adultos.

Para realizar a coleta de informações selecionamos duas professoras dessa escola, ministrante da disciplina de Língua Portuguesa, no 6º ano do Ensino



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Fundamental. Os docentes foram selecionados por serem os únicos disponíveis no momento da pesquisa. Um professor ensina em três salas de 6º ano, e o outro ensina em duas classes.

A fim de obtermos os resultados esperados utilizamos um questionário socioeconômico para traçar o perfil dos sujeitos em muitos aspectos: pessoais (idade, sexo, estado civil), profissionais (escolas onde atuam e tempo que lecionam na instituição pesquisada) e acadêmicos (nível de formação profissional).

Para a identificação dos sujeitos na pesquisa não utilizamos o nome real, a fim de preservá-los de qualquer constrangimento. Neste artigo as identificaremos de Professora 1 (P1) e Professora 2 (P2). A primeira tem 44 anos de idade e 12 anos de atuação na escola. É pedagoga e especialista em Língua Portuguesa e Supervisão Escolar. A segunda professora tem 46 anos de idade e atua na escola há 18 anos. É graduada em Letras e tem especialização nessa mesma área de conhecimento.

Para viabilizar a pesquisa utilizamos o questionário semiaberto, a entrevista semiestruturada e a observação não-participante. Para Gil (2002) o questionário é um instrumento de investigação composto por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. Ele serve para coletar referências sobre os sujeitos da pesquisa em meio aos seus aspectos pessoais, sociais, econômicos, políticos e culturais. Através deste instrumento é possível traçar características comuns ou não aos sujeitos participantes.

O questionário foi o primeiro a ser entregue aos sujeitos investigados, abordando os seguintes aspectos: identificação do professor, dados profissionais e dados sobre a formação acadêmica.

A entrevista constitui uma técnica eficaz na coleta de dados fidedignos para execução de uma pesquisa, como afirma Andrade (2007). As perguntas foram semiestruturadas e os sujeitos ficaram livres nas suas respostas. A entrevista foi toda gravada por um aparelho celular, porém, necessitamos anotar também alguns detalhes em um caderno, porque outras perguntas que não estavam no roteiro foram durante a abordagem dos professores.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Utilizamos ainda a observação como procedimento de coletas de informação dos sujeitos para que pudéssemos chegar o mais perto da realidade, evitando ao máximo o “desvio” do real pelos professores abordados. Além disso, a observação englobou o comportamento em si, e não, apenas, as ideias dos sujeitos. De acordo com Vianna (2007, p. 12) “a observação é uma das mais importantes fontes de informações das pesquisas qualitativas em educação”.

Para realizar a pesquisa fomos à escola universo/local da pesquisa, para o contato inicial com os professores, selecionar professores de Língua Portuguesa do 6º ano e entregar a carta de apresentação. Na ocasião, apresentei a problemática, os objetivos e instrumentos que iriam ser utilizados na investigação a duas professoras disponíveis, explicando que a pesquisa se tratava de um trabalho de conclusão de curso.

Com o aceite das professoras apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para consolidar o acordo. Na continuidade aplicamos o questionário sócio econômico, realizamos a observação não-participativa e fizemos a entrevista semi estruturada. Na continuidade, foi feita a análise dos dados coletados.

3 RESULTADOS

Nesta seção fazemos um recorte dos dados que apresentamos no trabalho de graduação, portanto, evidenciando apenas os coletados por meio da observação.

A observação fez parte do segundo momento de abordagem das professoras investigadas, momento em que pudemos conhecer em que circunstâncias a temática estudada aparecia no contexto da prática pedagógica. Abaixo, a descrição das observações de algumas aulas das professoras:

Nos primeiros dias de observação na sala da P2, percebemos que a mesma deu continuidade ao conteúdo iniciados em aulas anteriores, por meio de correções de exercícios, inclusive com a exposição de mais conteúdo. Notou-se a presença de conversas paralelas por parte dos alunos. Eles conversavam muito sobre música, filmes e futebol, onde colocavam em questão os aspectos bons e ruins desses assuntos. Eles



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

falavam sobre recuperação, beleza, namoro, música, facebook, futebol, estilo, polícia, (vídeo game), vídeos na internet, filmes e tudo o que fazem fora da escola.

Em um momento específico, P2 chamou a atenção daqueles que estavam conversando e mostrando DVS musicais entre eles. A professora se posicionava com autoridade, mas sem êxito, pois os alunos não se interessavam pela aula.

Durante uma correção de exercícios sobre verbo, uma charge referia-se a um assunto visto na TV. P2 fez uma correlação muito rápida do que vemos ou não na mídia mencionada.

Em outra aula P2 comentou sobre o que é necessário para uma interpretação textual. No decorrer da aula a professora chamou a atenção de dois alunos, na oportunidade ela perguntou se os pais dos alunos não falam sobre valores com eles. Um aluno respondeu que não. Então, a professora afirmou que eles deveriam pedir para os pais explicarem como devem se comportar na sala de aula. Lamentou que já estava no final do ano e tinha se cansado, pois parecia que não adiantava falar com eles, pois nada mudava.

As aulas da P1 seguiram uma rotina, desde conferência de exercício até a aplicação de novas atividades, que aparentemente dava resultados. A presença de assuntos transversais na sala foi frequente, iniciados tanto pelos alunos quanto pela professora. Entre uma conversa e outra um aluno perguntou a professora qual o sabor da vida. Ela indagou a aluno, não deu muitas respostas e a aluno continuou com a dúvida.

Outros assuntos surgiram no decorrer das aulas, desta vez a professora aproveitou mais o tema e debateu com os alunos. Isso ocorreu por conta aparecimento do tema meio ambiente em uma questão. Era um anúncio que falava sobre ONG e tinha passado na TV. O principal enfoque dado pela professora foi que cada um deve fazer a sua parte. Logo após, a discussão surgiu o tema responsabilidade social, também por meio de um anúncio de TV. O tema foi falado em poucos minutos, logo a professora indagou os alunos sobre a falta de material para aula, que os alunos não trazem. Foi de carteira em carteira para ver quem fez a atividade. Perguntou o que fazem em casa e porque não fizeram o exercício. E o aluno respondeu que dorme. A professora incentivou o aluno a assistir televisão em vez de dormir. Ela disse “nem assistir TV?



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Não acredito!” ficou espantada, mas não fez qualquer menção ao tipo de programa de televisão.

Percebemos que as professoras tiveram várias oportunidades para trabalhar o conteúdo com situações do cotidiano do aluno, sobretudo, em relação ao que os alunos veem na televisão. Mas isso aconteceu de forma simplificada, pouco explorada e discutida de forma não muito reflexiva.

Entretanto, ficou claro nesse processo de observação que, a mídia televisiva perpassa constantemente a sala de aula, mas que os professores investigados, em geral, não aproveitam para propiciar uma reflexão mais significativa. Talvez pelo fato de que pouco contextualizam suas aulas, aproximando os alunos dos conteúdos com algo que é presente em suas vidas, a televisão. Ou pela falta de perspicácia reflexiva das docentes para perceber o quanto a televisão influencia a vida de todos nós e que ela pode ser um elo para promover a aprendizagem, a cidadania e a consciência crítica dos alunos.

Neste aspecto, Duarte (2008) diz que o conhecimento do que vemos e temos ao redor é conquistado aos poucos dentro de um processo experiências. A experiência da reflexão crítica e do pensar sobre o uso da mídia televisiva requer prática, que aos poucos se arruma em um contexto de aprendizagem, ou seja, isso se aprende. O professor pode aprender a pensar o papel da TV na nossa sociedade, utilizando-se do conteúdo que ministra em sala de aula para problematizar e mediar o conteúdo a vida no cotidiano familiar e no bairro em que as crianças estão inseridas.

Valente (2007) não tem dúvidas sobre o poder de mediação do professor, pois acredita que por meio da opinião emitida na sala de aula os alunos passem por uma espécie de filtração das informações acumuladas ao longo do dia, atuando numa possibilidade de libertação da mente.

A grande preocupação é que as pessoas se tornem “bitoladas” em um modo de viver e ser, de forma que não percebam e nem consigam se desvincular disto. Este receio se reforça quando nos referimos às crianças. Para Pacheco (1998), o meio televisivo deveria ter mais cuidado durante a sua programação e se preocupar de forma especial com estas, pois as crianças têm uma grande capacidade de absorver informações instantâneas, visto que chegam a imitar tudo o que veem, ajudando “a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

construir valores, identidades e imaginários” (DUARTE, 2008, p. 18). Em vez disso, a TV a cada dia que passa cria mais situações inadequadas para o público infantil.

Morais (2009, p. 17) alerta:

Os meios de comunicação de massa – nestes destacando a mídia televisiva – têm feito com jovens saudáveis e inteligentes, transformando-os no que vemos atualmente nas salas de aulas: respeitadas as exceções sempre minoritárias, moços e moças par os quais nada é importante, nada é apreciável, nada é serio, a não ser a satisfação das suas mais imediatas necessidades de prazer.

Nessa afirmativa a clareza de que a passividade é algo aprendido, assim como se pode aprender a ser alguém crítico do que ouve o vê, especialmente, quando se fala de mídia televisiva. Então, se somos aprendentes, logo a escola tem papel crucial nesse processo, assumindo a sua função social que é viabilizar a aprendizagem para uma vida melhor.

Vale ressaltar que a área de língua portuguesa tem diversas possibilidades de atuar na perspectiva da libertação da mente, como discute Freire (1998) que evidencia que a leitura é uma das formas para essa mudança.

Então, por mais que os assuntos televisivos apareçam em sala de aula e os alunos os comentem, a discussão só será proveitosa se o professor tiver sensibilidade para mediar esse processo de discussão. Diante disso, Moran (1998) afirma que por mais desprezível seja um texto, imagem ou ato, eles podem ser inseridos em um momento reflexivo. Assim conhecimentos já existentes podem ser aprimorados, criando, também, novos valores, novos pensamentos, novas opiniões, ou seja, uma aprendizagem significativa.

As professoras P1 e P2 poderiam introduzir a TV como uma forma de trabalhar muitos temas na disciplina que ministram. Por meio de debates com trechos retirados de noticiários, filmes e até telenovelas. Neste caso, a TV serve como oportunidade de aprendizagem, meio ilustrativo, de expressão e de informação. Instrumento poderoso na sensibilização de temas e conteúdos. O importante é saber explorá-la e ao máximo. Uma vez que pode ser incentivada a crítica diante da televisão



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

antes e depois de apertar o controle remoto no dia-a-dia. Pois, a escola não pode ser considerada alheia a sociedade. Ela faz parte de um todo, que aos poucos pode ser contagiado.

Em Pacheco (1998) lemos que a TV não traz propostas tão educativas e aí que está o perigo, pois as crianças de forma inocente acabam por absorver certos valores. Desta forma, tudo se contradiz com a proposta final da escola. As crianças tornam-se adultos com atitudes que não valorizam o bem comum da sociedade justa e igualitária.

A melhor forma de mudar esta realidade é por meio da educação tanto em casa quanto na escola. E se na escola a meta maior é formar cidadão para que haja corretamente, ou seja, pensem sobre o sentido e os significados das coisas. Entendemos, portanto, que é necessário mais conhecimento, mais informação e capacitação para que tudo seja processado com menos influências, mas com consciência.

CONCLUSÃO

Este trabalho constitui-se um recorte da pesquisa empreendida em curso de graduação, como trabalho de conclusão de curso que investigou dois professores de Língua Portuguesa do 6º ano, da rede pública municipal de Parnaíba, contemplando discussões entorno das práticas pedagógicas desses professores como formadores ou não de cidadãos críticos diante da programação aberta da televisão brasileira.

No percurso investigativo encontramos uma relativa distância entre articulação escola e mídia televisiva, especialmente, quanto à formação de cidadãos críticos diante do olhar atento para o que a programação diária da televisão aberta propicia as pessoas. Foi possível observar que no ambiente escolar os programas de TV são assuntos rotineiros. Os alunos, sobretudo, falam do que assistem na televisão, como os programas preferidos, os personagens que fazem sucesso, etc.

Vale destacar que quando os assuntos da mídia televisiva vieram à tona em sala de aula, pouco foi feito no sentido dos professores contribuírem para a construção



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

de um aluno crítico diante da televisão, isso foi feito de forma rápida e quase superficial.

Pelo trabalho na TV e pela pesquisa realizada, bem sabemos da capacidade que este meio de comunicação exerce sobre todos nós. De um lado vista como um simples eletrodoméstico e passatempo; do outro, considerada como alienadora de pensamentos e ações. No entanto, considerando os estudos nesta pesquisa pudemos perceber que a TV às vezes é a vilã, outras vezes é a mocinha em nossas vidas.

É importante ressaltar, portanto, que precisamos aprender a discernir sobre o papel e a influência que a TV exerce em nossas vidas. E, especialmente, no campo escolar precisamos aproveitar melhor no contexto do ensino e da aprendizagem. Basta o seu uso ser direcionado, sistematizado tornando-se um veículo de comunicação com efeito educacional.

Quanto aos resultados da pesquisa, os sujeitos pesquisados demonstraram saber o quão é complexa a TV na relação de transmissão de não apenas informações, mas de comunicar valores para as pessoas. No entanto, o “saber” não se equivale ao “fazer”. A lacuna entre o discurso e a atuação das professoras trouxe a tona a “velha” discussão sobre a distância da prática e da teoria no âmbito educacional.

Diante dos resultados encontrados, podemos propor um olhar mais focado para a formação dos professores, ou melhor, a formação de educadores. Educadores que claro, não podem resolver os problemas do mundo, mas podem minimizar os efeitos negativos de uma sociedade moderna e em constante movimento.

O professor, também como educador, deve encarar a sala de aula como momento de formação global e social, em que os alunos possam participar da emancipação humana e que saibam pensar e agir conforme o cotidiano social. O conteúdo das disciplinas é importante, mas não terá sentido se não houver relação com a vida prática.

A TV tem muitas funções, entre elas a comunicação social, transmissão de cultura, divertir e marketing (o convencer e fazer-comprar). Destas a que mais interessa principalmente às crianças, é o divertir. E porque não utilizar isso a favor da escola? Ou ainda, educar e divertir ao mesmo tempo?



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Utilizar esta mídia significa introduzir uma nova linguagem. Uma linguagem além da escrita e da falada, considerando aquilo que não foi feito para ensinar. Significa, também, um novo desafio, uma vez que se percebe a dificuldade em sair do tradicionalismo. No entanto, é como discute Moran (2000) é fundamental trazer o universo do audiovisual para dentro da escola, variar no modo de dar aulas e no processo de avaliação, além de planejar e improvisar, ajustando-se ao novo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação.** São Paulo: Atlas, 2007.

DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças.** São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MORAN, J. M. **Mudanças na Comunicação Pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica.** São Paulo: edições Brasileira, 1998.

MORAIS, de Regis. **TV e educação: entre o caos e o horizonte.** Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2009.

PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

VALENTE, J.A, ALMEIDA, M.E(Org.). **Formação de Educadores e Integração de Mídias.** São Paulo: Avercamp, 2007.

VIANNA, Heraldo Marelin. **Pesquisa em educação: a observação.** Brasília, Liber Livro Editora, 2007.

SCHNITMAN, Ivana.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/50218032/23/TIPOS-DE-PESQUISA-Objetivo-procedimento-e-abordagem>. Acessado em 21 de Outubro de 2012 as 23h45.